

SELETA

TAUNAY

Martim Francisco

Alfredo d'Escragnolle Taunay foi um dos espécimes humanos mais originais que conheci. Encontrei-o na Câmara dos Deputados em 1881; dera a eleição direta, honestamente fiscalizada pelo gabinete Saraiva, azo à inclusão de seu nome na chapa conservadora pela província de Santa Catarina, província onde, havia anos, Taunay fora presidente algum tanto espetaculoso, mas muito trabalhador, muito tolerante e sobretudo de uma seriedade persistente na gerência dos dinheiros públicos.

O momento político prestava-se ao abrandamento das rixas partidárias. Conseguira o partido conservador triunfar em mais de um terço dos círculos eleitorais, e à gratidão do seu chefe na Câmara, o conselheiro Paulino de Souza, juntara-se, para evitar atritos, o receio da deputação fluminense de que, dada uma mudança política, fosse o poder cair nas mãos do elemento pernambucano dirigido então pelo conselheiro João Alfredo. Isso, e ainda a extrema afabilidade de Taunay; seus dotes de **causeur**; a franqueza com que, a despeito de ter assento na bancada da direita, a conservadora, emitia e dicutia idéias liberais adiantandas com conhecimento demorado de causa e exame analítico de incidentes; a sua dupla, invejável e merecida nomeada de literato e de guerreiro, e outros motivos, que contribuíam para escravisar a simpatia dos que se lhe aproximavam, fizeram então do ilustre brasileiro, ontem falecido, um verdadeiro centro de atração à prosa dos corredores, aos cochichos comentadores dos apartes, a essa crítica dos homens e das coisas que só a espontaneidade sabe rapidamente fazer.

Mata Machado, Afonso Celso, Rodolfo Dantas, toda a mocidade liberal enfim — que teve de aceitar e sustentar em 1881 debates com os experimentados chefes conservadores, enfrentando com a lógica duríssima de Andrade Figueira, as frases decoradas de Ferreira Viana, a retidão mental de Belisário de Souza, a variadíssima instrução de Duque Estrada Teixeira e a eloquência admirável de Gomes de Castro — olhava em Taunay mais um companheiro do que um antagonista, mais um mestre do que um adversário.

Teimava Taunay em declarar-se conservador. Ninguém lhe dava crédito à asserção; e ele mesmo a refutava, na tribuna e no voto, auxiliando

o partido liberal na tentativa da liberdade dos sexagenários, propondo que às câmaras municipais fosse permitida a concessão de cartas de naturalização aos estrangeiros que as requeressem, salientando e justificando sempre o seu apoio a todas as idéias progressistas, que já então iam atrapalhando a permanência da monarquia.

Sem exagerados dotes oratórios, mas agradabilíssimo pela fluência e pela vernaculidade, não raro espirituoso e mordaz, Taunay captava e prendia durante horas a atenção do auditório. Discutia com a mesma competência questões de medicina, de orçamento, militares, partidárias, irregularidades de atas eleitorais, colonização e até minúcias processuais de direito.

Acusaram-no injustamente de palaciano. Foi amigo particular do Imperador; era-lhe sobremaneira grato pela escolha senatorial quando, contando apenas quarenta anos, e tendo como um dos companheiros da lista tríplice o ex-ministro Silveira de Souza, obteve da preferência régia a sua entrada na Sibéria política. Mas cumpre notar que, além de a sua escolha ter tido o aplauso quase unânime do país, Taunay dispunha de tal abundância de mérito e de serviços, na sua conta corrente com o Brasil, que a escolha senatorial não o poderia colocar em condições de devedor.

Soldado bravíssimo e emocionante historiador da **Retirada da Laguna**, trabalho que a crítica européia bordou de extraordinários encômios; romancista da **Mocidade de Trajano** e dessa maravilhosa lenda da **Inocência**, o livro português mais vezes traduzido depois dos **Lusfadas**; crítico literário e crítico musical; compositor e artista; poeta sofrível e polemista vigoroso; redigindo com a mesma correção as partes oficiais da campanha do Paraguai e a discussão das obras musicais de José Maurício — como que as aptidões pululavam nessa cerebração privilegiada, como que os caminhos do seu raciocínio e as variantes de sua inteligência se multiplicavam rapidamente ao contato de qualquer assunto, à apresentação de qualquer problema !

E ao lado disso quanta bondade ! A gente sentia-se feliz reconhecendo-lhe a superioridade intelectual, e preeminência na ilustração, na perspicácia, na imparcialidade a mais acentuada. Taunay impedia a inveja alheia, metamorfoseando-a em admiração sincera, simpática, íntima. Não sabia ofender, menos ainda conservar rancores. Tinha em grande escala a memória da gratidão: a de Rio Branco, o estadista que lhe adivinhou o merecimento e o posicionou nos arraiais da vida pública **encaixando-o no bangué oficial que atravessou a província de Goiás em 1872** (esta frase sensorona infelizmente foi minha, e repito-a para castigar-me da tendência agressora que outrora me dominou o espírito), sempre deparou na pena cintilante de Taunay com um defensor insigne e um avaliador imparcial de sua capacidade, de seus feitos e de seu patriotismo.

Alfredo d'Escragnolle Taunay foi um bom na acepção da palavra. Quem o conheceu não o poderá jamais esquecer. Exceção na decadência brasileira, apartado da vida pública pelas vicissitudes que modificaram a governação do país, empobrecido e adoentado, descendo da posição de senador vitalício à de diretor de uma companhia de bondes, nem por isso deixou ele de ser o que era e valer o que valia. Era o exemplo da lição do guerrilheiro Viriato: os homens são como as moedas; têm ou não têm valor próprio; os elogios não lhes dão, nem as censuras lhes tiram as qualidades.

Encontraram-no sempre a prumo as alterações do mundo objetivo. Recebeu-as de cabeça alta. Até aos seus últimos dias quis ser e foi o mesmo homem. Para o soldado que o conheceu e admirou na Laguna e nas margens do Paraguai, ele nunca deixou de ser o valente major Taunay. Para o literato será ele sempre um dos atestados mais brilhantes da mentalidade brasileira no presente século. Às indagações do historiador consciencioso, Taunay surgirá como um modelo de independência política, de reformista, de agitador de idéias sem o adminículo e sem o recibo de vantagens pessoais.

Para os que intimamente o conheceram, para os que puderam avaliar a sua primazia sob inúmeros aspectos e admirar a diversidade dos prismas que lhe salientavam o talento, seu nome irmanar-se-á irresistivelmente a esse sentimento de saudade, pequeno e único alívio permitido aos que, como quem rascunha com lágrimas estas linhas, trocaram a fé em uma existência futura pela convicção do **post mortem nihil est; ipsa mors, nihil.**

Escrevia Macaulay que um dos prazeres que lhe dava a crença em uma vida além-túmulo era a esperança de conviver nos espaços com a alma de Hampden. Felizes os que acreditam ! Esses, diante do cadáver de Taunay, — do quase velho que soube morrer tão moço ! — podem-se consolar quando a pátria acaba de perder tanto da sua primavera.

(Santos, 27-1-1899, dois dias após o falecimento do Visconde de Taunay. Reprod. em **Revivendo**, Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo, vol. 31, pp. 388 a 391. São Paulo, 1936).